

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV - Número 1.006

Redação, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa - PORTUGAL

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Endereço telegráfico: Batalha-Lisboa* Telefone 5339-0

Editor - Carlos Maria Coelho

PREÇO \$10 CENTAVOS

Oficinas de impressão - Rua da Atalaia, 114 e 115

Verifica-se que o boato da greve revolucionária propalado pela imprensa não é só um "truc" governamental: é também um meio de enfraquecer a vontade da restante classe operária para não prestar a sua solidariedade ao pessoal da Carris. Abaixo a máscara!

A PENA DE MORTE

É o sr. Cunha Leal o político que apresentará na Câmara o odioso projecto da pena de morte!

Esse nome, que disse - referindo-se à cena sangrenta que presenciou no Arsenal - que só nesse momento teve a verdadeira noção do valor da vida humana, vai agora apresentar um projecto de lei que, a ser aprovado, seria o maior atentado contra a vida humana que nestes últimos tempos se poderia praticar!

A intenção de restabelecer a pena de morte neste país revela no sr. Cunha Leal, ou uma malvadela monstruosa ou um reles espírito de justiça.

Felizmente, todos os homens livres, todos os que realmente tenham a noção de quanto vale a vida humana, saberão erguer bem alto o seu protesto, saberão impedir que o homicídio se transforme, por capricho dum homem, na mais vil, na mais abjecta instituição nacional!

Trabalhadores, homens de consciência sã, bradai connosco:

ABAIXO A PENA DE MORTE!

Descobre-se a armadilha!

Inédito, porque é obscuro, porque jamais se usou é o processo de que o governo está usando, ou, por ele, os seus agentes - essas criaturas que o aconselham, ou os plenários que na imprensa a soldo da patronato, das forças do olho vivo, engendram os planos de greve geral revolucionária, de feição sangrenta com que tem preparado ambiente para uma possível perseguição à classe operária e aos seus organismos.

Não teríamos andado longe da verdade quando na nossa *en-tête* de ontem relatamos o que até chegou, isto é, que ao governo convinha qualquer pretexto, mesmo pelos seus acólitos inventado, para tentar destruir a organização como primeiro passo para obter no estrangeiro um empréstimo. Que isso tem visos de verdade demonstra o facto, relatado à boca pequena, de lá fôr têrrem respondido a mandatários governamentais portugueses, que não teriam confiança bastante nos nossos homens do governo, enquanto se degladiassem por cá em lutas sangrentas os nossos amáveis e amados políticos.

E porém certo que nem o governo nem a imprensa logram explicar ao povo boquiaberto o que representa o cérebro a Lisboa e a que se destina. A greve geral revolucionária que uns e outros inventaram - e que não se verificou porque não tinha que verificar-se, mas que, porque se não provocou, já os jornais da noite diziam ser devido à concentração de tropas - essa invenção redundou num enorme fiasco, porque veio mais uma vez demonstrar até onde chega a pouca vergonha de certos mentirosos que pontificam em Lisboa e que suggestionam as multidões simplistas e crédulas.

Essa montaria deve encobrir fundos designios que não escapam à sagacidade de criaturas inteligentes, que bem sabem não ser necessária a concentração de tropas em torno de Lisboa por causa dum greve geral, por muito revolucionária que ela seja. Para isso seria necessário que o armamento da classe operária não fossem apenas os instrumentos de trabalho com que produz para o sustento da farta parasitagem que a explora; seria necessário que os instrumentos de trabalho fossem iguais aos instrumentos de morte da Guarda Republicana...; seria necessário que a organização operária quizesse à organização caserneira do exército, com idêntica disciplina e idêntica educação.

Essa invenção não passa, pois, de pura comédia e comédia de mau gosto, mas com que se prepara, por outro lado, favorecer um baixo intuito da Companhia Carris de Ferro, que assim se prepara para vencer, por outra armadilha, e seu pessoal que teve um gesto altivo e nobre - mais nobre e mais alto do que o de muitos plenários da imprensa a soldo da finança - e que continua mantendo-se unido e firme em defesa dum causa digna e elevada.

Com a consciência do que faziam, os inventores do boato sabiam que, muito naturalmente, teríam que desfazer a atração. Sabiam que pela necessidade de destruir uma mentira, nos teríam, em certo modo, de neutralizar a propaganda que houvessem de fazer a favor do valoroso pessoal grevista da Carris, agora que a Companhia ardilosamente, o quer arrastar ao cometimento dum traíção, por uma entrega, parcialmente feita, por meio de apresentações individuais. Descobre-se assim o objectivo da imprensa inventora da mentira. O seu fim está à vista: era enfraquecer os grevistas, contribuir para que a Companhia os vencesse, vencendo assim a prepotência, a perseguição, a vingança, o esmagamento impiedoso e desumano.

Não é inédita esta armadilha, é a repetição do processo há muito inaugurado pelo patronato e que algumas vezes lhe tem dado resultado. Iniciada na Carris, esta armadilha ardilosa estender-se-ia a outras classes marítimas. Vencidas estas classes, quaisquer outras que quisessem promover o mesmo fim das suas condições de vida, ficariam assim com um ambiente desgraçado que as impossibilitaria de se preparar.

E é a formal condenação à morte lenta das classes assalariadas; é o roubo assegurado aos fi- nanceiros, aos industriais, aos comerciantes, a todos os zangões que se enriquecem à custa da miséria e da fome do povo.

Eis o tenebroso ardil, a emboscada, a vil armadilha com que se pretende manietar a ação da classe operária, a principiar já com a tentativa de desmoralização do pessoal da Carris, que se estenderia às classes marítimas e que aniquilaria momentaneamente as outras classes operárias.

Razão, tinhamos quando bradávamos aos trabalhadores que se puzessem em guarda, que estivessem alerta.

O facto afi está patente!

Não se iludem, pois, os camaradas da Carris!

Não desarmem as classes marítimas!

Aperte os laços da solidariedade as restantes classes trabalhadoras!

Que os mentirosos se convençam que os seus intuições estão descobertos...

"A Batalha" em Olhão
vila algarvia, a psicologia publicação da anunciam pá-
do seu povo, a higiene, a gina de
instrução, o desenvolvimen-
to industrial, etc., são as-
suntos interessantemente
comentados na

Página especial
que o povo de Olhão an-
siosamente espera.

Vão, enfim, ser satisfeitos
os desejos daqueles que nos
que os mentirosos se convençam que os seus intuições estão descobertos...

A história da laboriosa

A pena de morte

Cunha Leal pretende restabelecer-la!
O operariado não o consentirá!

Todos os que temem pela vida um verdadeiro culto
devem oponer-se à pretensão do ex-presidente do ministério

A Batalha estava bem informada. Quando soltou o seu brado de alarme, quando deu ao país a revolanta novidade de que um político em evidência pretendia restabelecer a pena de morte, sabia muito bem que esse político era o sr. Cunha Leal.

Não quis *A Batalha*, de comício revelar o nome desse homem sobre quem agora recai o desprêzo de todos os que amam a vida intensamente. Não quis *A Batalha* precipitar as suas revelações porque sempre julgou que os seus brados de protesto - brados onde palpita toda a indignação dum povo - acordariam no sr. Cunha Leal a razão porventura adormecida. Tivemos esperança no arrependimento desse homem público que algumas simpatias contava entre o povo; não quisermos revelar a sua infâmia, sem que a sua boca proferisse algo de decisivo.

O sr. Cunha Leal não recuou - não recuar é uma boa qualidade quando se trata dum acto dignificado - o sr. Cunha Leal não recuou e anunciou ontem batendo no peito com orgulho - os assassinos também tem o seu orgulho - à Câmara dos Deputados, numa passagem do seu discurso acerca das vítimas de 19 de Outubro, o que nós já sabíamos, que tencionava apresentar um projecto de lei no intuito de restabelecer em Portugal a pena de morte.

Não preguntamos ao sr. Cunha Leal qual é a intenção que o anima ao re-

impiedoso. O castigo não evita a repetição do crime. O crime evita-se pre-
parando um meio ambiente saneado, de forma que os anormais se vão curan-
do a pouco e pouco.

Uma criança, ao nascer, pode ter herdado uma tara. Se essa criança co-
meter um crime mais tarde, depois de adulto, em consequência dessa tara, é
ela a responsável exclusiva pelo delito praticado? Não, perante as leis sagradas da consciência, se bem que a lei escrita lhe peça responsabilidades tre-
mendas.

Se, pois, o tal político tem a gene-
rosa pretensão de evitar o crime, apre-
sente eficacemente um projecto de lei

de pena de morte, mas de pena de
morte para a sociedade actual, como
a colectividade, pois a organização social

presente, contrária às leis da Natureza,
é que deve morrer quanto antes, dando

chamar a pena de morte - porque não há razão por mais poderosa que justifique semelhante crime.

O sr. Cunha Leal quer a adopção da pena de morte em Portugal - nós não queremos. O país não quer a pena de morte! Temos a nosso lado um povo inteiro, com a sua intuição da justiça, contra os caprichos sanguinários do sr. Cunha Leal. Como poderemos nós acreditar na sinceridade dos seus protestos contra os atentados de 19 de Outubro, quando o sr. Cunha Leal acaba de revelar instintos mais repugnantes que os dos mais bárbaros assassinos? Se foram revoltantes esses atentados gerados numa revolução, sob uma violenta paixão política, como poderemos classificá-los? Crime do sr. Cunha Leal que nem ele próprio sabe com precisão quem atingirá? Quem sabe se o ex-presidente do ministério não terá passado estes dias - podemos assim falar ante o seu projecto avultante - a meditar friamente em sua casa a morte de inocentes!

Se o Cunha Leal, a sorte varia como o vento. E o gládio que hoje pretende suspender sobre os seus adversários políticos, reclamando a pena de morte, pode deitar amanhã sobre a sua cabeça. As situações políticas em Portugal mudam constantemente e a lei da pena de morte agora nas mãos dos amízios pode fugir para as dos mais perigosos inimigos. Não deseja a outrem o mal que para si não pretende. Não querias matar os outros - pode dizer-se agora ao sr. Cunha Leal - não queres dar aos outros o direito de te matarem!

Se o Cunha Leal, a sorte varia como o vento. E o gládio que hoje pretende suspender sobre os seus adversários políticos, reclamando a pena de morte, pode deitar amanhã sobre a sua cabeça. As situações políticas em Portugal mudam constantemente e a lei da pena de morte agora nas mãos dos amízios pode fugir para as dos mais perigosos inimigos. Não deseja a outrem o mal que para si não pretende. Não querias matar os outros - pode dizer-se agora ao sr. Cunha Leal - não queres dar aos outros o direito de te matarem!

Em duas palavras: crie-se uma sociedade onde todos sejam produtores, e o crime terá desaparecido totalmente. Em duas palavras: crie-se uma sociedade onde todos sejam produtores, e o crime terá desaparecido totalmente.

O protesto dos marinheiros
e moços da marinha
mercante

A Associação dos Marinheiros e Ma-
cos da Marinha Mercante, reunida em
assembleia magna protestou energi-
camente contra a intenção dum político
em evidência apresentar um projecto
de lei para o restabelecimento da pena
de morte em Portugal.

A pedido a sua defesa. Também
este predicado é uma virtude que
deveria ser tomada em considera-
ção por toda a gente de bom
senso e, por isso, todos se deviam
empenhar em alargar-lhe a sua
esfera de acção, arranjando-lhe o
maior número possível de com-
pradores ou assinantes. Se os re-
dactores de *A Batalha* não se-
guissem a tática e orientação
imparcial que lhe tem imprimido,
não era eu que faria o sacrifício,
embora infimo, de a comprar to-
dos os dias e de subscrever com
um pequeno donativo para as suas
munições. E pena tenho de não
poder subscrever com mais de
um escudo por agora. Portanto,
trabalhadores! por isso, homens e
mulheres de todas as classes pro-
dutoras, por isso pessoas de boas
intenções, devem prefrir o diá-
rio que nunca se vendeu, que
está pronto sempre a defender-
os de todas as injustiças de que po-
deis chegar a ser vitimas.

Avante pelo diário *A Batalha*!
Saúdeções aos seus redactores
e a todos quantos contribuem de
qualquer forma honesta para sua
manutenção. Jodo de (Sezuirosa)

A fome devasta o mundo...

e o trigo queima-se nas má-
quinas

Um jornal americano, "City
Tribune", escrevia ultimamente:

«A Companhia Eléctrica, proprie-
dade da companhia dos produtos

Hanford da cidade de Sioux (Estado

de Iowa, Estados Unidos) começou

4.ª feira pela manhã, (29 de no-
vembro de 1921) a servir-se do

trigo como combustível nas suas

imensas caldeiras. Esta oficina eléctrica - a maior de toda a re-
gião - fornece a luz e a força a

toda a cidade e o aquecimento

aos principais armazéns.

O trigo sai a 7 dollars (7800

ao par) a tonelada na oficina.

O carvão de pedra sai, no local

do emprego, por um pouco mais

de 9 dollars a tonelada.

As experiências feitas no dia

seguinte sobre o poder calorífico

do trigo provaram a superiorida-

de deste sobre o carvão. A Com-

panhia queimará em média seis to-

neladas de trigo por dia.»

“A Batalha” e o proletariado

ao passar o 3.º ano de publi-
cação deste intemperado defensor

do proletariado e de todos

que sofram qualquer injustiça, eu

não podia deixar de manifestar

aqui o meu aplauso pela sua

orientação doutrinária, com cuja

tática tenho estado de perfeito

acordo. E *A Batalha* sor um

diário que nunca se deixou subor-

nar, que nunca se vendeu ao ca-

pitalismo, apesar das tentativas

de suborno que os agentes das

grandes empresas monopolistas já

tem feito, julgando que *A Batal-*

ha atraiçoaria os interesses do

público, bastava só este motivo

para que este periódico fosse o

diário preferido por toda a gente

que produz a riqueza pelo próprio

trabalho e por todos os indivi-

duos que tenham sido lesados pe-

los empresas monopolistas.

A Batalha tem sido e continua

A LUZ DO SOL

Ainda "A Semana da BATALHA"

Há muito, há milhares de anos que a humanidade sofre o peso do trabalho de dois regnos atrozes, virulentos e impávidos — Estado e Deus — que imperam sacrificando vítimas em holocausto dessa entidade misteriosa e cruel, malfeita e heróglabica, que fitando os séculos se eleva, entre ruínas de carnagem e desgraça sobre um pedestal sólido no preconceito e na obscuridade, na espada e no sofisma.

Legendário Bal, inexorável e carrasco, que é um monumento ciclopico cuja sombra é fatídica, ergue-se em símbolo de discordia no centro de um mar pujante e furioso de anátemas.

Eis a propriedade.

E' em vão que se roga aos Deuses bondade e calmaria nesse oceano de tempestades, pois é cada vez mais ensurdecedor o tumulto incessante de ondas de cólera e vingança nos flancos do monstro de gesso — brados atroadores de mil gúias sedentas que pedem justiça.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inépta. Todavia é esse oportuno biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mal o pensador e o filósofo osurariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismos e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da divindade apenas nos apresentaram de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento procurador.

E' demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Por isso Deus, que os *incroyables* da religião temiam, em interpretar e cognoscer como se a imensidão de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e disseccado e que arbitrariamente pode ser um atomo ou um mundo, um aeroporto ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusional dos senhores fariseus é tam absurdo e revoltante que chega ao ponto (6 céus estrelados!) de insular que não se deve compreender Deus, mas sim em Deus!

Logo, éles provam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assim diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha intacta. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

J. MARSELHA

AS GREVES

Pessoal da Carris

Reúniu novamente esta classe com extraordinária concorrência e animação para apreciar a marcha do movimento, sob a presidência do camarada José Augusto Martins, secretariado pelos camaradas Luís Cândido e Manuel Rôlo.

O camarada presidente cita o facto da Companhia ter feito sair na imprensa burguesa uns convites para inscrição de novo pessoal, aconselhando a classe a que continue firme e energica porque assim a vitória que se aproxima é um facto visto a razão nos pertencer.

Manuel Carvalho refere-se à sua prisão, agradecendo a maneira como souberam encetar *démarches* para a sua libertação e ao camarada Rafael Assunção.

Referindo-se ao aviso da Companhia, faz várias considerações e aconselha a classe a só receber ordens da Associação, para que a vitória seja completa. Fala a seguir Armando Martins, que diz que apesar de doente não podia deixar de vir demonstrar a sua solidariedade para com a classe. Acrescenta que o facto de vir hoje o aviso da Companhia para chamamento de novo pessoal, significa ser hoje o primeiro dia de greve e portanto aconselha a classe a manter-se unida como um só fronte, para estabelecer a luta com os três inimigos, que são Companhia, governo e Confederação Patronal. Consta que se tem feito diversas perseguições, pretendendo-se meter nas massmorras da república camaradas conscientes, devendo toda a classe estar de alma e coração com esta luta, aguardando os órdens do comitê, porque ele está vigilante. Se a classe se não souber imóvel pelos seus direitos, amanhã a Companhia retiraria todas as pequenas regras que com sacrifício se têm alcançado, dizendo que se houverem traidores a esta causa, a classe lhes saúda o castigo que ésses verdugos merecem. Termina aconselhando a classe a manter-se unida até completa vitória.

Manuel Rôlo, Manuel Ferreira e José C. Andrade, seguem na mesma ordem de ideias dos oradores anteriores.

António da Silva diz constar-lhe que alguns revisores, com medo de maltratarem a classe, tentando levar milhares de pessoas a isso, se tinham apresentado para se inscreverem, mas não foram aceitos, nem na comissão o célebre expedidor conhecido pelo Maneta, que não tem vergonha de já ter sido corrido, sucedendo-lhe hoje o mesmo.

Fazendo ainda diversas considerações, termina saudando a classe pela maneira como se tem bandido a conduzir. Não havendo mais oradores inscritos, encerrou-se a sessão às 19 horas, com vivas à União das classes trabalhadoras, à greve do pessoal da Carris, às classes em luta, à C. G. T., à Batalha, etc.

Reúne hoje a classe, às 15 horas.

Um "amarelo" tubarão.

No assemblea do pessoal da Carris foi lida uma carta donde se extraiu um caso edificante, que passámos a narrar.

Um apontador de 2.ª classe das obras públicas, chamado Aníbal Machado, enregressou a ignobil tarefa de trair o movimento grevista da Carris, prestando a auxiliar alguns dos cartos que para aí andam representando a comédia burlesca da normalização dos serviços, cura de amos! Pobres inconscientes!

Num momento em que uma atmosfera de reacção se prepara, é consolador o apoio manifestado à BATALHA pelos trabalhadores.

Continuam a aflorar à nossa redacção as entusiásticas saudações do proletariado pela passagem do 3.º aniversário de A Batalha.

Esse carinhoso apoio, manifestado num momento em que a longa de regresso assaltou os cérebros dementados dos nossos governantes, significa que o povo, o verdadeiro povo — o que produz a estiela — está connosco, pronto a manter o jornal que ergue bem alto a ideia da justiça e da igualdade.

E' com prazer que registamos esta quantidade enorme de manifestações de apoio. São elas que dão à Batalha a vida e a energia tan necessárias para combater uma sociedade criminosa que pretende hoje mais do que nunca, esmagar as justas aspirações dos trabalhadores.

Não tem sido apenas o apoio moral que o operariado tem manifestado neste momento. Também tem sido o material. Haja em vista as numerosas quetas tiradas em tóda a parte.

Oxalá todos os que trabalham se compenetrem de que, nesta ocasião sobretudo, é preciso que A Batalha tenha bem garantida a sua existência para resistir às perseguições que pretendem fazer-lhe.

Saudações do proletariado

Compositores Tipográficos

Da comissão administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

Que destino miserando e homicida é esse que implacável e sinistramente conduz o escravo, o operário, o espartaco agrilhoado, o páris de todas as eras, à desgraça e à humilhação?

Destino de reprébora e de degradado, fantasmagoria arrepiante que não persegue por certo, oh! não, o mais infimo dos sabujos!

O chacal monstruoso, mostra-nos a tua face e lívida de tarado e de bandido, exibe-nos a tua ambrilosa careca de pétolito tartufo para que possamos com a coragem dos andicatos arrojar contigo nas profundezas do abismo, do mais insodável abismo de todos os célos — a consciência libertária.

E ali, donde encontras tal somente, em horizontes infinitos, o éter fluido, édico que harmoniza e engendra o cristal dos seres, tu ali, famigerado cafre, onde não depararás sangue que sorver, nem campo de ação para as tuas bruxarias de alquimista nafrágica e recíndente evoláras como um sonho satânico.

Vós, oh! povo, vós que sofreis o peso da mais espantosa miséria e torpeza, que fazes a tan intensa vida universal de que nada usfruis, sois esse oceano prouneiro e justiciero e qual herculeo Prouneiro conseguireis com a vossa vontade e consciência livres rebentar em relance as algemas que vos dilaceram, reduzir à impotência as garras jesuíticas que semelhante a morte acima citado, a classe corresponda ao vosso redor — cortar cerce e pulvular a cabeça hedionda e patibular desbandido da história da humanidade — o Estado.

Lisboa — Março.

apelo da comissão administrativa do jornal, contribuindo materialmente para aumentar as "Municões" que tam necessárias são.

Rurais de Montemor-o-Novo

A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais de Montemor-o-Novo, reunida em sessão extraordinária no dia 25 de Fevereiro, resolveu enviar 20\$00, que já recebemos, para desenvolvimento de A Batalha, a quem saíndo pelo seu terceiro aniversário.

Sindicato dos Operários do Vestuário do Porto

PORTO, 2 — T. — O Sindicato do Vestuário do Porto saúda A Batalha, em frases interessantes plebas dum reverenciário aniversário.

Junto nos enviam o escudo para municões e declara subscriver-se com 50 centavos mensais.

Um 1.º sargento, envia-nos uma carta plena de entusiasmo pelo futuro das ideias avançadas, saudando A Batalha, e enviando 25\$00 para auxiliar a amortização do seu déficit.

Corticeiros do Barreiro

Os operários corticeiros do Barreiro saúdam A Batalha e os que nela trabalham, fazendo votos para que prossiga no caminho até à dura trilhada.

Brevemente enviar-nosão o produto dum quente tirada.

Soldadores de Almada

A secção profissional dos soldadores de Almada, reunida em assembleia geral

para apreciar a marcha do conflito com a fábrica de conservas "A Invencível Lt.", aprovou por unanimidade um voto de saudação pela passagem do seu 3.º aniversário ao intrépido defensor das classes oprimidas, A Batalha porta-voz da organização operária portuguesa.

Também foi aprovado por unanimidade que assim que termine o conflito acima citado, a classe corresponda ao

que continua na luta contra o capital e pela Emancipação Humana.

Que lhes sirva a lição de exemplo para não traírem a sua causa.

Camaradas: Respondei ao convite da Companhia gritando a plenos pulmões: Abaixo os traidores e viva a greve!

O Sub-Comitê Executivo

Classes marítimas

NOTA OFICIOSA

Camaradas: O comité regosijosa-se pela conduta que as 21 de dia 25 tendes mantido, sem uma nota de fraqueza, pois por esta forma provais que sois conscientes e que sabéis lutar pelos vossos direitos.

A comissão intermediária avistou-se ontem com o sr. E. Burnay, ficando da primeira entrevista resolvido realizar-se uma nova reunião à noite com os armadores, para se procurar uma solução ao conflito.

Caso dessa reunião não saia uma solução, a comissão procurará o presidente do ministério e ministro do comércio para levar a efeito outras medidas que a mesma comissão entende serem viáveis. Armadores há que dizem que, se o conflito dissesse respeito às armadas, a comissão não quereria receber, ignorar, portanto, o que há de verdade sobre tal assunto.

• • •

Festa artística de Pedro Blanch

No dia 5 realiza-se o último concerto desse ano da orquestra sinfónica em festa artística do notável maestro Pedro Blanch, no qual toma parte o grande pianista Viana da Mota, que executará com acompanhamento da orquestra as "Variações sinfónicas" das mais belas páginas do notável compositor, César Franck, a "Rapsodia hispanola" de Liszt, transcrita para orquestra por Buoni, a "Orquestra executará entre outras peças o célebre "sepulmínio" de Beethoven, com todos os andamentos, "Imprevistas", rapsódia sobre uma canção da Beira e outra do Douro, do "Elogio da saudade" e da "Fonte" de Flávio Rodrigues e "Expressões de Portugal", rapsódia sobre cantos populares do Algarve, de Manuel Ribeiro, primeira audição. Com tanto belo programa não é para extranhar que no próximo domingo não fique um bilhete.

Tesouraria: 1 tesoureiro, 300 escudos; 1 ajudante, 200 escudos; 2 pagadores a 215 escudos; uma dactilografa, 150 escudos. Total: 1.560 escudos.

Serviços administrativos: 7 membros do conselho administrativo suspensos, a 300 escudos cada, 2.100 escudos; 1 chefe de secretaria, 315 escudos; 1 escriturário de 1.º, 215 escudos; 1 de 2.º, 180 escudos; 1 de terceira, 165 escudos; uma dactilografa, 150 escudos. Total: 3.125 escudos.

Serviços de contabilidade: 1 chefe 425 escudos; 1 sub-chefe, 300 escudos; 3 escriturários de 1.º a 215 escudos, um da mesma categoria a 180 escudos, 2 de 2.º e um de 3.º a 165 escudos; uma dactilografa, 150 escudos. Total: 2.195 escudos.

Serviços técnicos: 1 engenheiro chefe 350 escudos; engenheiro adjunto, 285 escudos; 4 escriturários de 1.º, 2 a 215 escudos; 1 a 180 escudos e outro a 165 escudos. Total: 1.410 escudos.

Direcção de construção: 1 director, 450 escudos; secretário, 250\$00; 2 escriturários a 165 escudos; uma dactilografa, 150 escudos. Total: 1.180 escudos. Dois mestres gerais a 250 escudos, 500\$00. Apontadores da administração: Apontador geral, 1.800\$00, 3 apontadores a 165 escudos. Total: 675 escudos.

Pessoal menor: 1 chefe, 160 escudos; 2 agentes a 140 escudos; 5 serventes a 135 escudos. Total: 1.115 escudos.

Posto de socorros: 1 médico, 150 escudos; enfermeiro-chefe, 150 escudos; ajudante, 135 escudos; praticante, 95 escudos; servente, 78 escudos. Total: 611 escudos.

Armazém de ferramentas: 1 ferramentário, 180 escudos; ajudante, 165 escudos. Total: 345 escudos.

Armazém de materiais: 1 fiel 250 escudos; ajudante, 215 escudos; ajudantes auxiliares, 3; dos a 205 escudos e um a 105 escudos. Total: 930 escudos.

Encarregados e capatazes: comandantes, 54 a 220 escudos; apontadores, 18 a 150 escudos; 1 ronda, 117 escudos; guardas e dois a 114 escudos; capatazes, 7, 5 a 114 escudos e dois a 129 escudos; servente arvorado 105 escudos. Total: 1.605 escudos.

Serviços extraordinários: comandantes, 54 a 220 escudos; apontadores, 18 a 150 escudos; 1 ronda, 117 escudos; guardas e dois a 114 escudos; capatazes, 7, 5 a 114 escudos e dois a 129 escudos; servente arvorado 105 escudos. Total: 1.605 escudos.

• • •

Tribunal de Defesa Social

Como noticiámos, efectuou-se ontem neste tribunal o julgamento de João António da Costa, João António de Costa Júnior, José António Matos, Jantino Pereira da Silva, Amaro Pereira da Silva e Manuel da Costa Amorim, os cinco primeiros agricultores e o último pedreiro da construção civil, queram acusados de implicações no lançamento de explosivos contra umas propriedades na freguesia da Madela, Viana do Castelo.

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

• • •

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

Em consequência do custo da vida se agravar constantemente, o operariado desta cidade está em reclamação de aumento de salário — A greve em princípio

A segunda parte da moção aprovada, pelo operariado, no memorável comício de S. Crispim, está sendo posta em prática por quase a totalidade das corporações profissionais.

A primeira parte do documento da U. S. O., entregue ao representante do governo, para que meditasse bem nela, reclamava que a vida económica se suavisse, havendo menos exigências por parte dos senhores comerciantes e outras entidades explorativas e mais consideração pelos humildes que trabalham. Infelizmente a reclamação foi corrida de um insucesso a toda a prova: nem sequer houve a ambição de conservar o custo dos gêneros no mesmo estado; encareceram a oílos vistos, de dia para dia, como sinal de desprazer, como medida de ironia punidente.

A set assim, restava pôr em execução o segundo ponto: as exigências de aumento de salário, para os trabalhadores que só terem mais um pouco de pão na mesa, mas ainda terem a facilidade de poder adquirir a renovação do seu laço, do seu calçado, dos móveis, etc., direito natural que lhes assiste e tem sido negado. Ponderadas todas estas razões de peso, analisada a situação presente, que mais vai avivando as agruras dos que sofreram as bestialidades dos traficantes, os sindicatos profissionais deram grito de alarme e puseram-se em movimento.

As assembleias magnas tiveram-se sucedido, regularmente concorridas, e nelas se fizeram formuladas as bases das reclamações enviadas ao patronato, que se confessou um tanto surprezado, mas sem motivo para isso, porque ele igualmente tem encarecido os seus produtos e ganha rios de dinheiro.

Actualmente, as classes reclamantes, ao a construir o civil, todas as respectividades da indústria metálica, os operários mobilários, manipuladores de tabaco, tipógrafos e os profissionais da indústria têxtil, que tam mal pagam estão e tantos ricos nababos tem criado. Em algumas das classes enumeradas já foi proclamada a greve em princípio, parecendo que os artistas da prataria não precisarão de vir à luta, em consequência dos patrões mostrarem disposições para um acordo completo e mesmo porque entre elas lavra certa de simpatia.

Esta agitação operária pró-melhoria de ordenado, vai causando alguma impressão aos potentados, que não esperavam ja pela celeridade; também os trabalhadores contavam que o honrado comércio e a honrada indústria ganhavam um pouco de juiz e, afinal, a exploração prossegue na sua ação rapinante. De maneira que a autoridade moral, de criticarem o gesto presente das classes obreiras, falta por completo a todos os que se dedicam a viver à custa do suor alheio.

A luta, dos que trabalham, pela existência feliz não pode parar, e elas já não pararão, caminhando-se umas, vezes dum, maneira, outras vezes de outra, consoante as circunstâncias o determinem.

Quando a sociedade se modificar e os homens se entenderem melhor, devendo-se de se explorarem mutuamente, então o sóssegó será um facto e o problema da ordem encontrará solução definitiva. Pelo processo dos exercícios permanentes é que se não conseguira o equilíbrio humano...

Uma medida administrativa que poderia tornar-se se extensa

Tem-se barafustado para aí contra o facto dos contratadores de bilhetes de teatro e cinemas assaltarem as passagens das casas de espetáculos e vendê-las por preços exorbitantíssimos. Apesar dos protestos, o público já não abandonou a freqüência dos espetáculos, por que gosta das revistas pitorescas, vermelhas, com mulhers quasi nus, ou dos films cômicos e policiais e ensinarem a petizada a mala costura.

Mas o chefe do distrito, para provar que é inimigo dos assaltadores, resolviu pôr cônbro aos abusos, determinando em Edital que as empresas não podem dar, quer dizer, vender todos os bilhetes aos contratadores, devendo estes estar distantes cincuenta metros do edifício do teatro ou cinema e não podendo auferir um lucro superior a 25%. Não podemos condonar esta medida, pelo contrário, desejavamo que ela se tornasse extensiva aos contratadores dos gêneros de primeira necessidade, desde os alimentícios até os vestuários, determinando-lhes, pelo edifício da energia e da vontade, da moral e da sinceridade, que não podem assaltar o alimento humano, nem tampouco ter lucros fabulosos como os actuais, apresentando-lhes uma tabela taxativa de preços accessíveis a todas as bôsas. Porque esses contracta-

Depois dos folguedos a calmaria — O balanço das despesas e quem as paga? Além dum pequeno susto, nada de interesse... por enquanto...

Os últimos folguedos do entroido deixaram a cidade prostrada num grande enlouquecimento, arrastando-se monotonamente num refazimento de energias físicas e económicas desperdiçadas nas loucuras dum folia endiabrado. A passagem de reparações de forças esgoladas no pagode — carnavalesco, segue-se atentamente o balanço do que se gastou com a vistosidade dos factos e máscaras, com a metralha da jogatina entrañada e com os sorrisos caros das cocotes com ou sem livrete. Alguém tem de pagar, com língua de palmo, todas as despesas, e, portanto, logo que esteja averiguado o montante exacto da apanhulharia, se tirará tout de suite a percentagem devida com que os gêneros de primeira à quinta necessidade vão se sobrecarregados. Porque, muito à sua capa, já se fala num novo aumento do custo da vida, porque já há muito que não tinha subido de preço... A base em que os comerciantes e industriais assentam esta nova deliberação tomada é ocultas não é buscada, nas bacanadas que terminaram ontem, ou antes, hoje de manhã, com elevado despendido de capital; rebuscaram-na hipoteticamente nas manhosas justificações dos presentes pedidos de aumento de salário que o operariado português fazendo. Assustam-se, realmente, com as reclamações de carácter económico que os sindicatos formularam ao patronato, e ainda mais se acrreiam por verem a linha de coesão traçada pelo trabalhadores, que disciplinadamente, mas voluntariamente, acatam as determinações sindicalistas das suas assembleias concordâncias.

Tirando isto, não há grande coisa de interesse: o Porto ainda está a espreguicar-se das suas levianidades e arrogâncias, porque todos se julgam no direito de fazer o que os outros fazem, porque todos se julgam no direito de viver como o seu semelhante.

Sendo a actual sociedade constituída um roubo permanente, que vem de cima para baixo, do Estado ao mais simples locandiro, legalmente falando, não é motivo para admirações as tramoias surpreendentes que são feitas agora a regulamentação das tramoias oficiais existentes, mas sim para reflexões, que nos levaram a este raciocínio: há que reformar a actual estrutura da sociedade...

1 de Março C. V. S.

Os grupos políticos de variegadas cores, onde também lá se fez carnaval ruidoso — como se aquilo algum dia deixasse de ser entredo gordo — igualmente este em descanso por mais algumas horas, após o que voltaria a incomodar-nos com os seus constantes convites para a defesa da... república e com as suas notícias oficiais comunicando que resolveram assuntos de carácter secreto. Voltarão os boatos e as espionagens e reencontrar-se-há na vida normal da anormalidade portuguesa.

E tudo quanto o antigo burgo canta, a não ser, como acréscimo, o trabalho que várias entidades estão tendo em distribuir entre os pobres o produto resultante das sobretaxas especiais lançadas nos lucros provenientes dos balões e espectáculos tênuescos, bem como da venda da flor, que pegou de moda — lido para que a misericórdia se continuasse a estender nas ruas, ilhas, bairros e a porta dos quartos, suplicando uns acréscimos de rancho mal feito...

A crónica do roubo alarga os seus relatos cotidianos — Não há mãos a medir — Um pavor

No entanto, aproveitando esta calmaria após a tempestade solitaria, será bom seguirem as gazzelas diariamente trazem nas suas colunas. O Porto e arredores estão pejados de tropas, à espera do inimigo, enquanto alguns dos seus oficiais, para dispersarem o tédio, tocam guitarra, com mais ou menos dedicação; a guarda republicana tem aumentado os seus efectivos, aparecendo, solicita, em toda a parte; as várias especialidades de polícia, à paisana e fardada, nunca foram tão numerosas como agora, todas dedicadas a um trabalho insano de investigações e vigiações; e, por fim, os tribunais, também multiplicados e com pessoal ampliado, funcionam quase por enxerida na preparação de fornadas de vadios e rapinantes destinados às costas de África.

E contudo, a referida crónica do roubo vai num crescendo desolador. Furtar-se em toda a parte e não há díques que se opõham ao seu desenvolvimento.

Mas o roubo vai-se aristocratizando; não se trata só de carteiristas, de vigaristas, comendo os lapões, de assaltadores de viandantes ou de galinheiros, de intrusos, não por um espírito de egoísmo exclusivista, porque elas obrigar-se-ia a passar bilhetes sindicais a todo aquele que comprovasse a sua seriedade, mas porque sendo aquela profissão de fácil exercício e porque as agências tem todo interesse em conservarem a exploração dos meios, só com o auxílio da autoridade é que se poderá conseguir o desejado, isto enquanto o proletariado não tiver a força bastante de impor por outra forma mais directa...

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

C. V. S.

Nota da redacção — Esta crónica assume a correspondência direta de dia só ontem nos chegaram. O mesmo aconteceu com outro expediente expedido na mesma data.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva abandonar a freqüência dos espetáculos, porque é inimigo dos assaltadores, determinando-o a mais, possível. Veremos que a U. S. O. dirá a tal respeito.

25 de Fevereiro.

Realmente o caso é um tanto ingrato e bicus, mas não quer dizer que se deva

Serviço de livraria

DE
A BATALHA

O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA
— DE —
JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO
37, Rua de Alcantara, 37 • Sucursal: III, Rua do Livramento, 113
LISBOA
COMPRO, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS
e diferentes objectos
Palha de milho, K.º \$45 cts., fina, K.º \$75 cts., centeio, K.º \$350
5% de desconto aos assinantes de A BATALHA

Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarras, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, reuquidão, e pressão a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.
1.º Desinete profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático e seguro remédio.
2.º É usado pelos senhores mais finos porque perfuma o hálito e evita a carie dentária e por todas as pessoas que tem o de suportar duros desafios porque as defendem de contágios perigosos.
3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas asthmáticas ou que sofrem de bronquites crónicos, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permite-lhes os exercícios seguidos.
4.º Limpa o pigarro, combate a reuquidão, solera a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam e falam em público.

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com elas convive, evitando-lhes o cancro e o catarro.
6.º Desentorce o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando as convulsões cerebrais. Usadas por todos os que passam muito tempo sentados.
7.º Uniformiza o humor, evitando as frequentes crises das doenças, porque o fumo saneia o ambiente introduzindo em todas as células das vias respiratórias, percorrendo-as das doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, diphtheria, anginas, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos
Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com sôlo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.
Rua dos Fanqueiros, 84, I.º D.

ARMAZEM APOLÔ
30, Rua do Amparo, 34

BARBEITOS & LEÃO

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazém, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

Publicações sociológicas

(A) venda na Secção de Livraria de A BATALHA

Pelo correio

Adalino da Pinho. Quem não trabalha não come..... \$30 \$35

Adolfo Lima. O esforço do trabalho..... 2400 2400

Afonso Schmidt. — Evangelho dos Livres..... 200 250

Berthelot. — O Evangelho da Humanidade..... 100 150

Briand. — A greve geral..... 100 150

Campos Lima. — O movimento operário em Portugal..... 600 700

Carlos Rates. — A ditadura do Partido..... 100 150

Dante de Moura. — A liberdade e a civilização..... 1850 1850

Cesar Ferraris. — Os partidos políticos..... 800 870

Charles Albert. — O amor livre..... 1900 1910

Content. — Contra o confusionalismo..... 100 150

Dalai. — Os imbecilicos, os puros e a guerra..... 100 150

Domeia Nielenhuis. — Pátria e Humanidade..... 800 805

Dufour. — O sindicalismo e a proletária revolução (2 vol.)..... 2000 2800

Emílio Costa. — Ação directa e ação legal..... 800 805

Eusevante. — A minha defesa..... 100 150

Fraser. — A Rússia vermelha..... 2500 2800

Fabre Ribas. — O socialismo e o conflito europeu..... 800 850

Griffuelles. — Ação sindicalista..... 600 650

Gulherme de Groot. — As leis sociológicas..... 1900 1915

Gustavo Molinari. — Problemas sociais..... 800 870

Guyau. — Ensino moral sem obrigação nem sanção..... 1800 1815

Hamon. — A conferência da Paz e a sua obra..... 1800 1815

As lições da guerra mundial e o movimento operário na Grã-Bretanha..... 1800 1815

Psicologia do socialismo e o socialismo..... 1820 1875

Psicologia do socialismo-anarquista..... 1820 1835

A Crise do Socialismo..... 1820 1835

Menotti Roland. — A Rússia nova..... 813 815

Jean Grave. — A Anarquia-Fins e meios..... 383 387

A Sociedade Futura..... 1820 1840

Indivíduo e Sociedade..... 1830 1815

José Carlos de Sousa. — A propriedade privada..... 820 825

José T. Lopes. — Maximiliano e Anarquia..... 820 825

Jules Guesde. — A lei dos salários..... 820 825

Krapotkin. — A Anarquia, sua filosofia e seu ideal..... 820 825

A Anarquia, sua filosofia e seu ideal..... 820 825

Um de nós: A canaíla..... 820 825

Vandervelde. — O colectivismo e a evolução industrial..... 1820 1840

(A) venda na Secção de Livraria de A BATALHA

Pelo correio

A Grande Revolução (2 vol.)..... 2800 2800

A moral anarquista..... 820 825

A Modicade..... 820 825

Capitalismo e Parlamentarismo..... 820 825

Os bastidores da guerra..... 802 805

Lagardelle. — Socialismo e Socialismo..... 820 825

Participam a todos os amigos e camaradas que tomaram a gerência daquele armazém, onde se encontra um grande e variado sortimento de artigos de

Chapelaria e Sapataria

Pelo correio

Grandes Armazéns do Chiado

RETALHOS

Hoje, sexa-feira

Uma venda colossal de

RETALHOS

de tecidos de lã, seda e algodão, tudo

com medidas esplêndidas para toda

a espécie de vestuário e a

PREÇOS BARATÍSIMOS

ASSALTOS, GREVES E TUMULTOS

UTIL A TODOS

A MUNDIAL, mercê de contratos firmados com as maiores poderosas

Companhias de resseguros estrangeiras, está actualmente em condições de

efetuar estes seguros, que tanto lhe têm sido solicitados pela sua nume-

rosa clientela.

Dirigir pedidos e informações à

A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA DELEGACAO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4084 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º Tel. 1459

Depósito GERAL — Farmacia Albano

57. R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

Queréis o vosso relógio concerto com garantia e por preço módico?

Levai-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do chafariz)

OFICINA DE RELOJOEIRO

E OURIVES

— DE —

ALVES D'ANDRADE, L. da

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rue dos Poisais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rue do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rue do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

ESPECIALIDADE

EM CHAPEUS DE SEDA

DE FLAMÃO

Armação e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rue dos Poisais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rue do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rue do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

GRANDE NOVIDADE

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jaurés (Exclusivo)

<p